

«de noite falei com o meu coração;
e eu sachava o meu espírito».



o sacho do salmista

O SALMO N.º 76 DO ANTIGO TESTAMENTO GREGO E DA VULGATA (SALMO 77 NA BÍBLIA HEBRAICA) dá-nos um poderoso retrato do papel que passado e futuro desempenham no desespero.

O salmista conta como começou a imaginar estados negativos que ainda não tinham acontecido; a ansiedade cresceu e a incapacidade de falar também («os meus olhos anteciparam vigílias da noite; agitei-me e não falei»).

Esta ansiedade relativamente ao futuro trouxe no seu encaço a depressão vinda do passado: **«reflecti sobre dias passados»**, diz o salmista; **«lembrei-me de anos já passados – e pensei»**.

Este reviver do passado concretizou a insónia que antes não era mais do que projecção da ansiedade: **«de noite falei com o meu coração; e eu sachava o meu espírito»**.

Sachava?

Esta imagem extraordinária – de o salmista a servir-se de um sacho psicológico para pôr em ordem as suas ideias – é exclusiva da Septuaginta. Não a encontramos nem no versículo correspondente da Bíblia Hebraica nem da Vulgata.

A imagem deve ter causado estranheza aos copistas dos manuscritos da Septuaginta, pois há alguma oscilação na pessoa do verbo grego (σκάλλω) que significa **«sachar»**: há manuscritos em que o verbo está conjugado na primeira pessoa («eu sachava o meu espírito») e manuscritos em que está na terceira pessoa («o meu espírito sachava»).

Seja como for, o importante é a imagem do sacho do salmista, que nos leva a pensar na nossa mente como um jardim em que crescem flores, mas também ervas daninhas.

O salmista identificou bem quais são as daninhas: as que nos levam a estar dominados pelo futuro e pelo passado.

O sacho pode servir para limparmos o nosso jardim de tanto passado e de tanto futuro, de modo a darmos o devido protagonismo às flores.

Porque essas, na verdade, só florescem no presente.

FREDERICO LOURENÇO

(na página do seu *Facebook*, de 28.04.2019)

“Greve” das católicas na Alemanha com lenços brancos nos bancos das igrejas



“NÓS, AS MULHERES, QUEREMOS UMA VERDADEIRA RENOVAÇÃO DA NOSSA IGREJA. QUEREMOS PARTICIPAR NA SUA VIDA E NAS SUAS DECISÕES. QUEREMOS QUE TODOS POSSAM SEGUIR A SUA VOCAÇÃO, COMO IRMÃS E IRMÃOS, COM OS OLHOS POSTOS EM JESUS CRISTO, QUE NOS DEIXOU O ENCARGO DE TORNAR VISÍVEL NO MUNDO O AMOR DE DEUS” – assim se apresentam em manifesto as mulheres que lançaram a iniciativa *Maria 2.0* e o apelo à “greve” das mulheres na Igreja Católica, convocada para esta semana, entre sábado passado, dia 11, e o próximo, dia 18 de Maio.

O apelo à “greve” fez com que no último fim-de-semana muitos lugares nas Igrejas ficassem vazios. Em muitas delas, havia lenços brancos nos bancos a assinalar ausências. No exterior das Igreja, nas praças e nos adros, houve celebração, partilha, canto, mulheres vestidas de branco, lenços brancos em cadeia...

Embora seja difícil avançar com números ou estimativas, parece que a iniciativa acertou em cheio com o sentimento actual de muitas mulheres católicas. Em declarações ao *7MARGENS*, Lisa Kötter, umas das iniciadoras e porta-voz da iniciativa, calculava em mais de mil os grupos que em toda a Alemanha participaram, além de outros que aderiram à iniciativa também na América Latina ou em Nova Iorque. Só em Münster, a cidade onde tudo começou, eram cerca de mil mulheres na praça da catedral. De muitas outras cidades chegam notícias de grupos activos, com uma adesão considerável.

Porquê uma “greve”? Lisa Kötter reconhece que a palavra greve não será a melhor. Não se trata de não comparecer, antes pelo contrário. As mulheres querem participar e, como gesto, vêm e ficam de fora, nos adros, nas praças,

para denunciar aquilo que está a acontecer na Igreja. “Sentimo-nos magoadas pelo facto de, na Igreja, serem os homens a dizer-nos aquilo para que Deus nos chama”, acrescenta Lisa Kötter. “A Igreja está a perder tanto, em espiritualidade, em vitalidade, em força, por deixar de lado mais de metade dos seus fiéis, as mulheres”, acrescenta.

O porta-voz da Conferência Episcopal Alemã, Mathias Kopp, em declarações a uma cadeia de TV, em Roma, dizia que os bispos alemães levam a sério esta iniciativa e veem a necessidade de mudanças, mas consideram que a Igreja tem de reformar-se passo a passo, no diálogo. Alguns bispos lamentam que o apelo à greve inclua mesmo a ausência da missa dominical, mas afirmam compreender a necessidade de provocar com sinais deste tipo.

Reagindo à pressão dos leigos, e sobretudo das mulheres, e numa tentativa de ultrapassar a crise provocada pelos abusos de poder na Igreja, os bispos alemães anunciaram abrir um sínodo de diálogo com alargada participação de todos e todas, sem temas-tabu. A abertura dos ministérios ordenados às mulheres é o ponto mais crítico deste diálogo, conhecidas que são as reservas do Papa ao tema. Muitas mulheres temem que não se passe das palavras bonitas.

Esta “greve” de uma semana, independentemente da adesão que venha a conseguir, é sem dúvida uma “irritação”, mas uma “irritação necessária, mais que necessária”, comenta um dos grandes jornais alemães, o *Süddeutsche Zeitung*, referindo-se a esta “greve” das mulheres.

Maria 2.0 conta com a adesão das mulheres comuns que, semana a semana, enchem as igrejas e animam as comunidades. Na liturgia, na catequese, na Cáritas, nos serviços de acolhimento, as paróquias contam com elas. E elas sentem que a Igreja continua a ignorá-las e exigem mais. Exigem a abertura dos ministérios às mulheres, começando pelo diaconato; exigem a partilha dos lugares de decisão, a todos os níveis e em todas as instâncias.

A ideia desta iniciativa surgiu em princípios deste ano, como reacção às últimas notícias sobre todo o escândalo dos abusos de poder na Igreja Católica. Escreveram uma carta ao Papa, que ainda pode ser assinada como petição. E avançam agora com gestos concretos de denúncia de uma situação que muitas consideram insuportável. “A nossa paciência está a chegar ao fim”, resumia Claudia Lücking-Michel, vice-presidente do Comité Central dos Católicos alemães. E com esta posição haverá muitas mulheres católicas a identificar-se. “Os bispos pensam que esta é mais uma bola de sabão, mas enganam-se. Vamos continuar, porque o desejo profundo de renovação e mudança na Igreja é muito, muito grande!”, assegura Lisa Kötter.

Joaquim Nunes, em Offenbach (Alemanha)

<https://setemargens.com/greve-das-catolicas-na-alemanha-com-lencos-brancos-nos-bancos-das-igrejas/>
(13.05.2019)

memória

1980 – A primeira mulher na Academia Francesa



MARGUERITE YOURCENAR, pseudónimo de Marguerite Cleenewerck de Crayencour (Yourcenar é um anagrama de Crayencour), foi a primeira mulher eleita à Academia Francesa de Letras, o que à época foi considerado quase como um «acto subversivo». Com um percurso literário iniciado em 1929, a escritora tornara-se internacionalmente conhecida com a magistral obra *Mémoires d'Hadrien* (*Memórias de Adriano*), de 1951, e consolidara o seu reconhecimento como escritora de exceção com *L'Œuvre au Noir* (*A Obra ao Negro*, 1968), pela qual foi distinguida com o prémio Femina. A proposta de Jean d'Ormesson (escritor, cronista e filósofo francês, ocupante da cadeira 12 da Academia Francesa) para que Yourcenar integrasse o seletivo grupo dos «imortais» tradicionalmente reservado ao universo masculino gerou acesa polémica, mas o conservadorismo da Academia acabou vencido. Como diria Ormesson, reconhecendo que a eleição de Yourcenar teria sido mais rápida e mais fácil se ela fosse um homem, «Ser mulher não basta para estar sob a Cúpula, mas ser mulher também não basta para ser impedido de aí ter lugar». «Foi uma vitória da literatura (...) Distinguindo Marguerite Yourcenar, a Academia honra-se a si própria». Embora tardio, foi o reconhecimento de que não é possível fazer história sem as mulheres.

Jean Vanier (1928-2019)

o «homem do sorriso e do encontro»



JEAN VANIER foi o fundador da *Arca*, comunidade que acolhe pessoas com necessidades especiais, com 150 Centros espalhados por todo o mundo. Ele tinha 90 anos. Doente de câncer, foi assistido em uma estrutura de sua comunidade em Paris.

Nascido em Genebra, em 10 de setembro de 1928, filho de pais canadenses, Jean Vanier torna-se oficial da Marinha, primeiro britânica, depois canadense. Em 1950, uma reviravolta. Sente-se atraído pelo Evangelho. Desiste da carreira militar e começa a estudar teologia e filosofia.

Passa a lecionar na Universidade de Toronto, mas também abandona a carreira universitária. Descobre que sua verdadeira vocação é **encontrar Jesus nas pessoas mais fracas e mais abandonadas**.

Em 1964 funda a *Arca* e em 1971 contribui para o nascimento do movimento "*Foi et Lumiere*" (Fé e Luz). Ele também foi membro do Pontifício Conselho para os Leigos. Em 2015, recebeu o Prêmio Templeton, um dos máximos reconhecimentos mundiais, concedido a cada ano a personalidades do mundo religioso.

Amar é ser vulnerável

Por ocasião do Dia Mundial do Doente de 2010, Jean Vanier também falou de sua fragilidade: *"Minha esperança e minha oração é que, quando chegar momento de fraqueza, eu possa sempre aceitar e regozijar-me no por tudo o que me foi dado. A vida humana começa e termina em fragilidade. Ao longo de nossas vidas somos ávidos por segurança e dependentes de ternura".* A vulnerabilidade *"une-se a nós em nosso presente e em nosso futuro próximo ou distante"*. Como então caminhar em direção a um amor maior, sem nos tornarmos presas de nossos medos? De uma maneira simples, dizia Vanier: aceitar nossa fragilidade, porque *"amar é ser vulnerável"*.

o Credo de Paulo VI. 50 anos depois



De 22 de fevereiro de 1967 a 30 de junho de 1968, a Igreja, por expressa vontade do Papa Montini, comemorou o Ano da Fé, para assim recordar os Santos Pedro e Paulo, por ocasião do 19º centenário do martírio desses apóstolos. Aquele Ano Santo terminou no dia 30 de junho de 1968, exatamente 50 anos atrás, com a proclamação do “**Credo do Povo de Deus**”, que desenvolvia o texto do Concílio de Niceia com uma série de complementos.

No dia 12 de janeiro de 1967, o cardeal e teólogo suíço Charles Journet escreveu uma carta a Maritain para comunicar-lhe que em breve se encontraria com o Papa Paulo VI. O filósofo francês respondeu ao cardeal revelando-lhe que tinha uma ideia que queria lhe propor: “Que o Papa redigisse uma profissão de fé completa e detalhada, na qual se explicitasse tudo o que contém o Símbolo de Niceia. Esta seria, na história da Igreja, a profissão de fé de Paulo VI”.

O cardeal Journet, sem que Maritain soubesse, repassou ao Papa uma cópia da carta que lhe havia escrito o filósofo

Maritain propondo-lhe esta ideia de escrever o Credo.

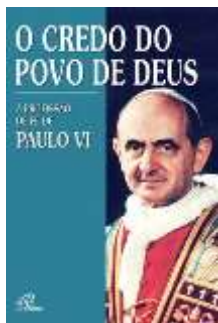
No dia 14 de dezembro do mesmo ano de 1967, Paulo VI recebeu novamente o cardeal Journet, que lhe apresentou novamente a ideia de Maritain sobre a redação de um Credo. O Papa Montini comentou com o cardeal que no final do Concílio Vaticano II já o tinham aconselhado a promulgar um novo Símbolo da Fé e que o Papa tinha pedido ao teólogo francês Yves Congar para que preparasse um texto, que foi finalmente arquivado.

Foi então que Montini disse ao cardeal Journet: “Preparem-me vocês um esboço do que pensam que deveria ser feito”. Journet passou a Maritain este encargo do Papa, e o filósofo, no início de 1968, em Paris, redigiu um texto que passou para o cardeal e este, por sua vez, ao Papa.

De facto, o texto de Maritain queria ser apenas um esboço para ajudar o cardeal Journet a redigir um texto completo. Mas o cardeal enviou ao Papa o Credo de Maritain, sem mais nenhum acréscimo. É preciso lembrar que

durante os anos cinquenta o filósofo Maritain estava prestes a ser condenado pelo Santo Ofício devido ao seu pensamento filosófico, suspeito de “naturalismo integral”. Se a condenação não prosperou, foi em grande parte pela defesa que Montini (naquele momento substituto da Secretaria de Estado) fez de Maritain.

Assim, em 6 de abril, chegou a Roma uma carta do teólogo Benoit Duroux, consultor da Congregação para a Doutrina da Fé, elogiando o texto do Credo de Maritain. Desta maneira, no dia 30 de junho de 1968, há exatos 50 anos, o Papa Paulo VI pronunciou solenemente, na Praça São Pedro, o **Credo do Povo de Deus**, baseado fundamentalmente no texto que **Maritain** escrevera, com algumas poucas modificações.



invisíveis e também Criador, em cada homem, da alma espiritual e imortal”. Este Deus, que “é amor”, engendrou o Filho, “por quem todas as coisas foram feitas” e que “habitou entre nós cheio de graça e de verdade”. É Jesus que “anunciou e fundou o Reino de Deus” e que “nos deu o seu novo mandamento”, ensinando-nos “o caminho das bem-aventuranças do Evangelho”. Jesus,

como “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, morreu por nós e ressuscitou pelo seu próprio poder no terceiro dia”. O *Credo de Paulo VI* também proclama a Virgem Mãe de Deus como a “nova Eva” e, portanto, “Mãe da Igreja”.

O **Credo**, além disso, afirma que o Espírito Santo “ilumina, vivifica, protege e rege a Igreja”. Este texto, que confessa “um só batismo instituído por Jesus Cristo para a remissão dos pecados”, proclama a fé na “Igreja edificada por Jesus Cristo sobre a rocha que é Pedro”. Uma Igreja que é “o corpo místico de Cristo, Povo de Deus que peregrina aqui na terra”. O *Credo de Paulo VI*, que afirma que também “fora da estrutura da Igreja encontram-se muitos elementos de santificação e de verdade”, destaca que “a missa é verdadeiramente o sacrifício do Calvário”.

O *Credo de Paulo VI* lembra o comentário ao Credo feito MOSSÈN JOSEP MARIA ROVIRA BELLOSO, que faleceu no dia 16 de junho passado, no qual esse teólogo proclamava sua fé como uma atitude que “dá lugar à esperança cheia de vida eterna e à caridade efetiva e universal”. Além disso, este *Credo de Paulo VI* lembra o “*Credo que deu sentido à minha vida*”, do padre José María Díez-Alegria.

Este texto, do qual hoje comemoramos os 50 anos de sua solene proclamação, foi como que o símbolo do Concílio Vaticano II, que se reuniu de 1962 a 1965 em nome da Santíssima Trindade, para levar o Evangelho a todo o mundo e para abrir na Igreja o necessário *aggiornamento* que levasse o ar fresco da Boa Nova a toda a humanidade.

A reportagem é de JOSEP MIQUEL BAUSSET, publicada por *Religió Digital*, 30-06-2018.

para ler na íntegra o *Credo do Povo de Deus*, aqui:

http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19680630_credito.html